

Reconhecimento de Palestina por três países europeus: objetivo de longo prazo dos líderes palestinos, mas impacto imediato limitado

A decisão de três países europeus - Irlanda, Noruega e Espanha - de reconhecer um Estado Palestino encaixa-se **x bets** um objetivo a longo prazo de líderes palestinos de garantir a aceitação diplomática, mas parece que o impacto prático imediato será limitado.

Em termos gerais, o reconhecimento de um Estado significa declarar que ele atende às condições de statehood sob o direito internacional. Isso geralmente abre um caminho para a instalação de relações diplomáticas e uma embaixada lá. No entanto, os países europeus pareciam preocupados principalmente **x bets** expressar apoio aos palestinos e enviar uma mensagem à Israel **x bets** um momento de crescente preocupação internacional sobre **x bets** conduta da guerra.

O ministro das Relações Exteriores da Noruega, Espen Barth Eide, disse à imprensa que a representação norueguesa à Autoridade Palestina, aberta na Cisjordânia **x bets** 1999, se tornaria uma embaixada. Ele não deu data para essa alteração, mas disse que isso permitiria a Noruega entrar **x bets** acordos bilaterais.

O reconhecimento também teria alguns "efeitos legais domésticos na Noruega **x bets** áreas **x bets** que questões relacionadas ao Estado de Palestina surjam", disse.

Declarações de líderes da Irlanda e da Espanha se concentraram na necessidade de paz **x bets** Gaza e na importância de uma solução de dois estados, mas não mencionaram embaixadas ou outras alterações imediatas.

"O reconhecimento de Palestina não é o fim de um processo, é o começo", disse Simon Harris, o taoiseach, ou primeiro-ministro, da Irlanda. Ele disse que a Irlanda estava reconhecendo o direito de um Estado Palestino de existir **x bets** paz e segurança dentro de fronteiras internacionais reconhecidas, e disse que fazer isso enviava uma mensagem "de que existe uma alternativa viável ao nadaísmo do Hamas".

Harris disse que viajará para Bruxelas no domingo para se encontrar com mais de 40 parceiros do Oriente Médio, Europa e outros "para discutir como o reconhecimento pode ter um impacto concreto, prático **x bets** acabar com este conflito horrível e implementar uma solução de dois estados".

Até agora, cerca de 140 países, principalmente fora da Europa Ocidental, reconheceram um Estado Palestino, de acordo com o site da Autoridade Palestina. Esses países não incluem os Estados Unidos, o aliado mais significativo de Israel, ou o Reino Unido, a França ou a Alemanha.

Os anúncios de quarta-feira encaixam-se **x bets** uma campanha mais ampla de reconhecimento diplomático Palestino, embora os avanços até agora tenham tido pouco impacto imediato nas vidas das pessoas na Cisjordânia e Gaza.

Antecedentes Históricos

As Nações Unidas votaram **x bets** 1947 para criar um Estado árabe independente ao lado de um Estado judeu, mas o plano foi rejeitado por governos árabes vizinhos e palestinos árabes, e o Estado de Israel foi fundado **x bets** meio a uma guerra no ano seguinte. Nas décadas desde então, planos para uma solução de dois estados têm sido repetidamente frustrados.

Este mês, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou por maioria uma resolução 7 declarando que os Palestinos se qualificam para o status de membro pleno nas Nações Unidas. A Assembleia só pode conceder 7 membro pleno com a aprovação do Conselho de Segurança, e os Estados Unidos certamente exerceriam seu poder de veto para 7 matar tal medida, como fizeram no mês passado.

Força excessiva: a história da brutalidade e da impunidade da polícia do Quênia

Força excessiva. Uma longa história de brutalidade e impunidade.

É essa a reputação da polícia do Quênia, que está sob escrutínio mais uma vez após pelo menos cinco pessoas terem sido relatadas como tendo morrido de ferimentos causados por tiros quando oficiais confrontaram manifestantes na capital, Nairóbi, na terça-feira.

Foi exatamente no dia **x bets** que um contingente de oficiais de polícia quenianos chegou à nação caribenha do Haiti para liderar uma missão para restaurar a ordem no país, uma implantação que ativistas e grupos de direitos humanos, citando a história da polícia de abusos e assassinatos ilegais, têm condenado **x bets** massa.

A força policial do Quênia é uma extensão da criação colonial-era que os britânicos usavam para controlar a população e esmagar a dissidência. Durante a década de 1950, à medida que os quenianos começaram a afirmar seu direito a se governarem, a polícia e outros serviços de segurança britânicos administrados prenderam decenas de milhares de quenianos e enforcaram mais de um milhar. Foi um capítulo especialmente assustador do domínio britânico, detalhado **x bets** um livro premiado, "Imperial Reckoning".

A independência do Quênia **x bets** 1963 não alterou dramaticamente a polícia. A polícia, especialmente as alas paramilitares conhecidas como Unidade de Serviços Gerais e outro grupo conhecido como Esquadrão Voador, tornaram-se personagens temidos, conhecidos por gatilhos rápidos e ampla impunidade.

Um passado sangrento

Na verão de 1990, os quenianos realizaram uma das suas primeiras grandes protestos pró-democracia. Milhares de manifestantes inundaram as ruas de Nairóbi, exigindo o fim da ditadura que então governava o país. A polícia respondeu atirando emzenas dúzias deles.

Durante uma crise eleitoral **x bets** 2007 e início de 2008, policiais mataram dúzias de manifestantes. Houveram mesmo casos de policiais vistos na televisão atirando fatalmente **x bets** manifestantes desarmados.

Em 2009, as Nações Unidas enviaram um relator especial, Philip Alston, para o Quênia para investigar a situação. O relatório que entregou foi uma bomba. "A polícia no Quênia frequentemente executa indivíduos", disse o relatório. "O mais preocupante é a existência de esquadrões da morte da polícia."

O governo queniano prometeu revitalizar os serviços e criou um organismo de fiscalização policial independente. Doadores ocidentais, especialmente os Estados Unidos, injectaram milhões de dólares **x bets** treinamento e outros programas. O foco era ajudar a tornar a polícia queniana mais responsável e mais eficaz no combate ao terrorismo. O controle de multidões e o uso de métodos não letais não eram a prioridade.

No ano passado, na primeira rodada de protestos antifiscais no Quênia, pelo menos nove pessoas foram mortas durante manifestações tumultuosas e **x bets** violenta repressão, de acordo com uma comissão de direitos humanos e relatórios de notícias.

Uma missão controversa

Em julho de 2024, o governo do presidente William Ruto concordou **x bets** liderar a missão do

Quênia para o Haiti, com apoio de Washington. O Conselho de Segurança das Nações Unidas autorizou a missão **x bets** outubro daquele ano.

Tribunais quenianos tentaram bloquear a implantação, à medida que ativistas e grupos de direitos humanos expressaram suas profundas preocupações.

"Nossa preocupação é que isso não seja a qualidade de policiamento que deveríamos estar exportando para o Haiti", disse Irungu Houghton, diretor executivo da Anistia Internacional do Quênia, na época.

Mas o Sr. Ruto, que procurou aumentar **x bets** posição com o governo dos EUA, não vacilou, dizendo que a crise **x bets** deterioração no Haiti era um chamado para "servir a humanidade". E o seu ministro das Relações Exteriores, Alfred N. Mutua, apontou para a história de liderança do Quênia **x bets** missões de manutenção da paz **x bets** Timor-Leste, Bósnia e Herzegovina, Serra Leoa e Namíbia, assim como implantações contínuas na Somália e na República Democrática do Congo.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: x bets

Palavras-chave: **x bets - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-08-07